

A RESSIGNIFICAÇÃO LEXICAL E SONORA EM POEMAS DE MANUEL BANDEIRA

Andréia Bezerra de Lima

Prof. Dra. Maria Marta Nóbrega (Universidade Federal de Campina Grande)

INTRODUÇÃO

A poesia é, talvez, a expressão de sentimentos, emoções e sentidos do poeta em relação àquilo que o rodeia ou pelo que toma conta como tema, revelada numa forma escrita, cuja sonoridade e estrutura muitas vezes se assemelham a um cântico, a um apelo etc.

Analisando-a no plano fônico, a poesia não é linguagem comum que serve somente para significar. Consegue criar um conjunto de sons agradáveis e melódiosos através da rima, do ritmo e de várias figuras de estilo como a repetição que é frequentemente utilizada.

A poesia consegue tornar visível algo abstrato como os sentimentos, em realidade quase palpáveis. Uma das formas mais representativas da poesia é o lirismo que não é mais do que a expressão do "eu". O poeta fala do que sente; revela-nos o seu estado de espírito, de um modo que é estranho ao homem em geral, que muitas vezes é tomado pelos mesmos sentimentos e sensações, mas que não é capaz de revelá-los da mesma forma. O poeta poderá também apresentar como tema aquilo que o rodeia. Interioriza o que lhe é externo e trata-o de uma forma sentida, expondo o resultado, de um modo geral, completamente transformado, à sua maneira; revela um mundo criado por si a partir de um mundo que lhe passa ao lado.

A poesia moderna não trata as coisas do homem de maneira descritiva, mas as conduz para um âmbito fascinante transcendendo do mundo real. Há uma predominância da linguagem alusiva e plurissignificativa que envolve em aparente mistério os seres e as coisas, em vez de apresentar um significado preciso e delimitador. Esse aspecto, Hugo Friedrich (1991) denominou de "dissonância", uma junção de incompreensibilidade e fascinação, que gera a tensão presente em toda a arte moderna. Para o crítico, a poesia quer ser, ao contrário, uma criação auto-suficiente, pluriforme na significação, consistindo em um entrelaçamento de tensões de forças absolutas, as quais agem sugestivamente em estratos pré-rationais, mas deslocam em vibrações as zonas de mistério dos conceitos (FRIEDRICH, 1991, p. 16).

Com efeito, a obra poética é um tipo de obra que, devido a seu caráter artístico, obriga o leitor a constantemente renovar sua forma de perceber, pois, normalmente, apresenta estrutura complexa onde podem se relacionar, por paradoxais que sejam, elementos que à primeira análise seriam contraditórios, tais como: a razão e a emoção, a objetividade e a subjetividade, o intelecto e a emoção, dentre outros. Tais elementos coexistem no objeto

artístico e o enriquecem, de forma a permitir ao artista compor e recompor a realidade de acordo com sua sensibilidade e sua forma de perceber as coisas.

Manuel Bandeira, poeta que soube utilizar com perfeição em sua poesia os recursos expressivos de nossa língua, como também inserir em sua poética a língua considerada popular para aproveitar poeticamente a sonoridade. A seleção lexical presente em alguns poemas de Bandeira desperta no leitor um efeito novo, pois os recursos por meio das figuras ou das repetições fazem dos seus textos uma tessitura significativa e surpreendente visto que em alguns poemas as aliterações e assonâncias vão além da musicalidade, conferindo uma relação estreita entre o significante e o significado.

Ao analisar a recorrência lexical e sonora nos poemas "Trem de Ferro", "Berimbau" e "Mangue" de Manuel Bandeira, percebe-se a renovação de sentido que as palavras adquirem ao associar os elementos da poética ao significante dos vocábulos. Por isso é relevante a realização oral dos poemas, pois ela será uma das bases para construção do sentido. Para cada poema lido, o efeito produzido pela linguagem sugere um deslocamento das imagens do campo auditivo para o visual.

EXPRESSIVIDADE SONORA PRODUZINDO NOVOS - SIGNIFICADOS

O poema "Trem de Ferro", presente no livro *Estrela da Manhã* (1936), já na primeira leitura demonstra o ritmo lúdico dos seus versos. E não é difícil perceber na repetição do verso "café com pão" o ritmo do movimento de um trem. Analisando o primeiro estribilho percebe-se que cada verso contém quatro sílabas poéticas e as mesmas podem ser classificadas da seguinte forma: fraca e Forte. Tem se o ritmo associado ao sentido, à reiteração do nível fonológico criando uma mensagem secundária, a alternância entre as sílabas imita o ritmo da máquina no seu sobe e desce.

ca Fé com Pão

ca Fé com Pão

ca Fé com Pão

Por meio de um jogo simples, somos conduzidos para um universo mágico do imaginário da infância, porém o elemento lúdico deste poema não o reduz a um poema

infantil, inocente apenas. Pelo contrário sua poética está fundamentada no paradoxo simplicidade/ complexidade, como destacou (ARRIGUCCI, 1990, p. 48) “o paradoxo do resultado – o simples na dependência do complexo – vira alvo da interpretação”. A simplicidade do poema analisado é caracterizada por uma linguagem da fala natural, sem afetação literária, somado a uma preferência por temáticas retiradas do cotidiano. E a complexidade consiste na pluralidade de significados que a metáfora “trem de ferro” oculta.

Virge Maria o que foi isso maquinista?

Agora sim

Café com pão

Agora sim

Voa fumaça

Corre, cerca

Ai seu foguista

Bota fogo

Na fornalha

Ao se falar em trem-de-ferro, nos vem à mente a imagem comum que em geral temos desse meio de locomoção marcado por características de sua natureza mecânica e funcional: fumaça, velocidade, sonoridade do movimento. Todavia, estudado o corpo do poema, encontramos versos que explicitam vontade, característica estritamente humana. E assim, novas conotações são ativadas, unindo-se a traços da esfera histórico-social que desencadeiam um processo de significação de fato muito mais complexo. Os significados enlaçados se tornam elásticos e se desenvolvem, surpreendentemente, desdobrando o sentido em vários planos concomitantes. Atributos da realidade física de uma máquina ganham uma dimensão moral, com a personificação do Trem, quando um elemento de natureza industrial se torna expressão da natureza humana no movimento de esperança, alegria e dor.

Vou mimbora vou mimbora

Não gosto daqui

Nasci no sertão

Sou de ouricuri

O poema se apresenta como uma narrativa lúdica, escrita na primeira pessoa em versos de acentuado prosaísmo. Após uma breve brincadeira nas primeiras estrofes que representam o ritmo do trem, vem a narração da paisagem por onde o trem passa. De acordo com Huizinga (1996, p.234), por meio do lúdico, o homem manifesta melhor a realidade, pois a “concepção lógica das coisas é incapaz de levá-lo muito longe”. O fator lúdico está em todos os processos culturais, como criador de muitas das formas fundamentais da vida social.

Isso explica a imagem surreal encontrada no poema, conduzindo-nos a uma viagem e mostrando-nos a dificuldade e a esperança do eu lírico, percorrendo um cenário de problemas sociais, conhecido do poeta nordestino. Destacado o título “Trem de Ferro”, enquanto ponto de referência ou tema ostensivo do discurso, observa-se que este é deslocado do mundo real para o plano do onírico, integrando-se ao universo infantil mediante uma brincadeira com o ritmo e o eu - lírico personificado. Depois, e por assim dizer, reintegrado à sua função na estrada de ferro, camuflando um outro eu - lírico manifesta o desejo ao falar de sua vontade de cantar e ao declarar que vai embora para sua terra, Ouricuri, pois não gosta do lugar onde está. Assim, também mostra a direção, a estrada que o trem segue começa em um lugar que até agora desconhecemos e que tem como destino o sertão.

Que vontade

De cantar!

Oô

Em “Trem de Ferro”, Bandeira aborda uma temática muito comum na vida do nordestino brasileiro. O trem é mais do que máquina e símbolo de modernidade na esfera social, sendo o espaço onde brota esperança de uma vida melhor, presenciando um misto de dor e alegria. Dor por deixar a terra natal, os pais, os filhos, a amada; por saber que tudo não passou de um sonho, uma ilusão; por ter perdido o pouco que conquistara em busca de um sonho. Alegria por pensar que o futuro será diferente; por sair da terra em decadência, por conhecer uma nova paisagem, ou por retornar ao sertão, terra amada, e para os entes queridos. Assim, o trem assume uma importância muito maior que um simples meio de locomoção.

No poema, o elemento singularizado - trem - é multiplamente significado, unindo-se aos ritmos da experiência seu conjunto de conotações históricas e sociais. O poeta, portanto, consegue realizar a representação poética de um elemento ligado ao desenvolvimento econômico do país, e nos permite perceber a relação “arte e sociedade”, ao acompanharmos sua força dramática, presente desde o início do poema, mas intensificada ao final quando o eu-lírico declara a alegria de voltar para casa, Ouricuri, lugar localizado no sertão de Pernambuco e elevado à categoria de cidade em 1903.

“Berimbau”, poema que incorpora o livro *Ritmo Dissoluto* (1924), é muito rítmico, musical, cheio do folclore amazônico, chama a atenção para lendas, é como se recriasse uma situação. A musicalidade se mostra através das aliterações, assonâncias e onomatopéias. A repetição do fonema /b/ sugere o tocar do berimbau. Os versos são octassílabos, porém o terceiro verso tem cinco sílabas e os versos doze e quinze tem três sílabas. Não há regularidade na métrica. Rimam os versos nove e onze e os treze e dezessete.

Os/a/ga/pés/dos/a/gua/çais

Nos/i/ga/pós/dos/Ja/pu/rás

Bo/lem,/bo/lem,/bo/lem.

(...)

- Foi o/ bo/to!

(...)

- Cruz/, ca/nho/to! -

A respeito do poema "Berimbau", em entrevista concedida a Paulo Mendes Campos (*apud* Regis, 1986, p. 50), Bandeira diz que é a sua impressão da Amazônia que ele nunca viu. O poeta intitulou o poema de Berimbau por causa da monotonia do seu ritmo. Isto é perceptível na realização oral da composição poética, pois se retirarmos as palavras do contexto da poesia os significados obtidos não condizem com o título do poema.

Ainda de acordo com Regis (*ibidem*):

Mais do que qualquer outro, este poema exige uma leitura em voz audível, pois é a sua parte sonora que dá o que Lotman chama de mensagem secundária. E nesse contexto de oralidade em que aparecem onomatopéias, paranomásias, aliterações que vem, modificado pela língua popular, em seu nível fônico, o termo 'Cussaruim'. Faz parte de uma atmosfera de sons encantatórios. O termo, ele o revela, aprendeu com Balbina, sua cozinheira.

A seleção lexical de Bandeira consegue despertar no leitor um efeito novo, pois os recursos por meio das figuras ou das repetições fazem dos seus poemas uma tessitura significativa e surpreendente.

O poema "Mangue" presente no livro *Libertinagem* (1930) homenageia o mangue, descrevendo suas paisagens e seus tipos humanos. Evoca imagens brasileiras, lugares, tipos populares e a própria linguagem coloquial do Brasil, transformando o cotidiano em matéria poética.

Segundo Regis (1986, p. 49) existe dois tipos de língua falada: a popular e a coloquial, porém a primeira seria falada pelas pessoas iletradas e a segunda seria utilizada pelas pessoas que mesmo sabendo usar corretamente a sua língua, falam-na descuidadamente. Em "Mangue" tem vários exemplos dessa língua que seria considerada popular e que também é muito usada pelos poetas e cantadores populares. As palavras que pertencem à língua do povo têm sua mudança sonora aproveitada poeticamente:

Era aqui que choramingavam os primeiros choros
dos carnavais cariocas

Sambas da Tia Ciata

Cadê mais Tia Ciata

Talvez em Dona Clara meu branco

Ensaiano cheganças pra o Natal

O menino Jesus - Quem sois tu

O preto - Eu sou aquele preto principá do centro
do cafange do fundo do rebolo.
[Quem sois tu?

O Menino Jesus - Eu sou o fio da Virge Maria...

O preto - Entonces como é o fio dessa
senhora obedeço

O menino Jesus - Entonces cuma você obedece,
reze aqui um terceto pr'esse [exerço vê.

O Margue era simpesinho

No diálogo produzido as palavras são grafadas de acordo com a pronúncia, representando uma festa popular de Natal, sendo assim o vocábulo de cunho popular e que sofre distorção no nível fônico, é atribuído aos personagens, sugerindo mais verossimilhança. De acordo com Regis (1986, p.51) "o simples fato de aparecerem palavras modificadas na língua escrita e literária já é suficiente para que elas sejam enfatizadas". Tanto o léxico quanto a sintaxe são modificados por Bandeira dando-nos a idéia de proximidade do poeta com o mundo representado por ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que na literatura brasileira, especialmente a partir do Modernismo, os artistas tratam o real com um rico deslocamento, falam a partir de suas experiências e seus valores. Mas, trabalham o tema de forma que este assuma uma pluralidade de significados, dependentes do leitor para explorá-los.

Na poética bandeiriana a união entre som e sentido aproxima sua arte tanto da música quanto das artes plásticas. No *Itinerário de Pasárgada*, Bandeira (1997, p.72) fez referência às múltiplas relações de seus versos com a música e a pintura. De acordo com o poeta, vários de seus poemas foram musicados, tendo os músicos uma preferência pelos de cunho popular, e entre estes se encontra "Berimbau" e "Trem de Ferro", que foi musicado umas quatro ou cinco vezes. O fato de um mesmo poema ser musicado tantas vezes pode ser explicado pela existência de uma "musicalidade subtendida" na qual o músico, por sua vez, pode definir várias linhas melódicas.

Segundo Fabio Lucas (1987), o que atraiu os compositores musicais para a poesia de Bandeira foi à simplicidade dos termos, somada à sonoridade musical que torna sua poesia de fácil memorização. Isto explicaria o fato de o poema "Trem de ferro", com melodia caipira e ritmo onomatopaico ter sido musicado tantas vezes, porém Bandeira (1997, p.71) considera que no texto "a autêntica melodia estará sempre ausente".

De acordo com Arrigucci (2000, p. 48):

Os sons mimam o conteúdo latente no verso, e a forma plástica se materializa verbalmente em poesia, sempre aliança secreta de som e sentido: a força dramática, selvagem, desmesurada, terrível,

se plasma no verso com força desesperada e contida do gesto, à semelhança da estatuária.

O léxico presente em poemas de Manuel Bandeira sugere significados distintos, porém na tessitura poética produz imagens secundárias que só são possíveis com a combinação entre ritmo, rima, aliteração, musicalidade, repetição, paralelismo dentre outros elementos que estão contidos numa obra poética. E esse deslocamento do campo auditivo para o visual é percebido através da realização oral do poema.

REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI Júnior, Davi. (1990) *Humildade paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2000) *O cacto e as ruínas*. São Paulo: Editora 34.
- BANDEIRA, Manuel. (1986). *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- _____. (1993) *Estrela da vida inteira*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- _____. (1997) *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BOSI, Alfredo. (2003) *A interpretação da obra literária*. In: *Céu e inferno: ensaios de crítica literária e ideologia*. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades/ Editora 34.
- _____. (1996) *Leitura de poesia* (org). São Paulo: Ática, 1996.
- CANDIDO, Antonio. (1985a). Carrossel. In: *Na sala de aula: caderno de análise literária*. São Paulo: Ática, Série Fundamentos I.
- _____. (1985b). *Literatura e Sociedade: estudo de história e teoria literária*. São Paulo: Nacional.
- _____. (2003) "A revolução de 1930 e a cultura". IN: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática.
- FRIEDRICH, Hugo. (1991) *A estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. São Paulo: Duas Cidades.
- HUIZINGA, Johan. (1996) *Homo Ludens _ O jogo como elemento da cultura _*. São Paulo: Editora perspectiva SA.
- LUCAS, Fábio. (1997) *Manuel Bandeira, poeta menor?*. In: LOPEZ, Telê Porto Ancona (Org). *Manuel Bandeira: verso e reverso*. São Paulo: T. A, Queiroz.
- REGIS, Maria Helena Camargo. (1986) *O coloquial na poética de Manuel Bandeira*. Florianópolis: Ed. Da UFSC.